

Existencialismo Metafísico

4 – Crítica ao Pensamento Científico

Desde as cavernas, o homem já utilizava a representação simbólica, demonstrada pelas pinturas rupestres. Isto superou os instintos e preparou o homem para o pensamento mitológico. Em torno das narrativas mitológicas e do mundo metafísico, o homem criou instituições religiosas. Filósofos perceberam que as mitologias são culturais e regionais, desvincularam das religiões, adotaram o pensamento racional, porém não abandonaram a Metafísica. Quando estudiosos descobrem a matemática e o empirismo, nasce a ciência. Esta abandona a filosofia e a Metafísica.

Em síntese, o pensamento atual e histórico pode ser dividido entre os pensamentos físico e metafísico. O pensamento físico ficou a cargo da ciência e o metafísico a cargo das religiões. Hodiernamente a filosofia segue a ciência e se distancia da metafísica. A arte se diverte com todos os pensamentos.

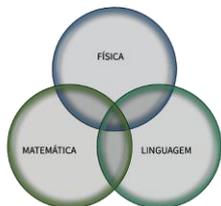
O ensino religioso é o mesmo pensamento mitológico de milênios atrás. As teologias vencidas ainda reinam em pleno século XXI, convivendo com modernas tecnologias. Dogmas não permitem sua evolução e isto levou a ciência a ridicularizar o pensamento religioso. As infantis teologias apropriaram do metafísico, mas seu pensamento está vencido.

O pensamento pode estudar o objeto ou o sujeito. Sócrates centrou no sujeito, buscava o autoconhecimento, o *conheça-te a ti mesmo*. Descartes também pregava o autoconhecimento a partir do sujeito: *Penso, logo existo*. Pare eles a filosofia deveria começar pelo sujeito. A revolução industrial, o positivismo, o pragmatismo levaram o pensamento para o objeto, para as coisas materiais e o consumismo extremo. O existencialismo ateu em nada ajudou o estudo do sujeito. O idealismo perde força para o realismo. A vida passa a ser vista como uma máquina.

Neste sentido, a teoria da evolução unificou mente e corpo, enfatizou a luta pela existência. Inspirou pensamentos materialistas e pragmáticos. Positivistas passaram a pregar a vida em termos biológicos e não metafísicos. O pensamento pragmático busca resultados, utiliza objetos e tecnologia para isto. O utilitarismo avalia os bens pelos números de usos. Não têm interesse existencial. A teoria de Darwin enfatiza a luta pela vida, o mais apto é quem sobrevive. Mecanicistas acreditam em apenas uma base mecânica e material de todo evento mental.

A psicologia sem a base mecânica era vista como uma literatura. Amor, paixão, empatia, felicidade deixam de serem sentimentos para serem hormônios, como serotonina e dopamina. Com base nestas ideias, cientistas acreditam numa possibilidade de fabricar hormônios sintéticos para criar o amor, a felicidade. Esta é a moderna psicologia.

Nesta esteira, a ciência colocou eletrodos na cabeça das pessoas, percebeu uma movimentação elétrica e pronto! Acreditou que conseguiu desvendar a mente, a consciência, com um mapeamento desta eletricidade no cérebro. Mas cientistas perceberam uma propriedade do cérebro. A plasticidade. Acidentes em que pacientes perderam parte do cérebro, demonstraram que tal mapeamento não é absoluto. Determinada parte do cérebro não danificada, recebia atividades elétricas que antes cabiam a parte danificada. A divisão tradicional do cérebro, sendo o lado esquerdo ligado a razão e o direito, a emoção, deve ser reconsiderada devido a versatilidade cerebral.



Existencialismo Metafísico

Os modernos instrumentos neurológicos, ressonância magnética e tomografia nunca acessaram o conteúdo da consciência, somente acessível ao dono dela. Se acessarmos a consciência a partir da mesma consciência, contraria métodos científicos consagrados e, assim, não temos como explicar cientificamente a consciência. Esta é transcendental e limita a ciência mecanicista.

Com esteio no pensamento científico, se o cérebro em uma evolução mecânica cresceu e criou a inteligência, então cérebros maiores deveriam ser mais inteligentes. Seguindo esta premissa, elefantes, baleias e até golfinhos deveriam ser mais inteligentes que os humanos. Se alegarem a proporcionalidade entre o peso do corpo e o peso do cérebro, também haveria exceção na natureza. O corvo da Nova Caledônia tem o cérebro proporcionalmente maior que o do homem mediano.

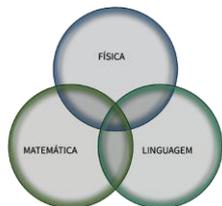
Freud também estudou a consciência e adotou o termo subconsciência para localizar onde estariam os desejos reprimidos. Ele usou a metáfora do iceberg para dizer que a consciência ficava na parte visível do iceberg e o subconsciente ficava na parte submersa do iceberg. Ocorre que a ciência ainda não sabe nem mesmo onde fica a superfície do iceberg. A ciência não sabe onde está a consciência, muito menos o subconsciente.

A tecnologia evoluiu de forma excepcional. Primeiro o eletroencefalograma, depois ressonância magnética, em seguida a tomografia computadorizada. Mas a ciência ainda não sabe onde fica a consciência e nem o que ela é. Desconsiderando a Metafísica, fica difícil defender o cérebro como sendo a própria consciência.

As teorias materialistas do século XX tiveram sua importância, mas ficaram limitadas e erraram em ser reducionistas. Tentam explicar a mente por princípios físicos, descartar o “fantasma” operando o cérebro e criar uma inteligência artificial. O filósofo Thomas Nagel contestou tais teorias, pois elas queriam solucionar objetivamente o problema, sem levar em consideração o caráter subjetivo da experiência mental. Isto passou a ser chamado de *hard problem*, o problema da consciência. Ou seja querem resolver a questão fisicamente, mas utilizam o caráter subjetivo. As experiências da consciência são em primeira pessoa, inacessíveis do prisma da terceira pessoa.

Dentre as teorias materialistas, temos a da evolução. O evolucionismo salta os olhos. Einstein dizia que não há nada instantâneo no universo. Tudo demanda um processo, diriam os advogados. Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula. No processo fantástico de evolução, transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência, até chegar à vida adulta. A vida na Terra começou há alguns bilhões de anos a partir de uma célula. Sim, a vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal e animal até chegar ao homem moderno. Isto é ciência verdadeira e deve ser ensinado em todas as escolas independente de crenças religiosas.

Para nós, não há contradições e exclusões entre a Criação e a Evolução. Agora, quando a religião prega o imediatismo, ou melhor, a criação sem evolução, temos contradições e exclusões. Quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que a vida e o universo fora feito per si, do Nada, teremos contradições e exclusões. Dizer que o universo e a vida é produto do Nada não faz sentido. Como o Todo veio do Nada? Como o Nada pode produzir a evolução? Se a vida e o universo não têm propósito de Integração, a moral acaba. Pois se deve viver intensamente, custe o que custar.



Existencialismo Metafísico

E a responsabilidade? Se somos máquinas deterministas, não faz sentido regras, moral, ética. Como iremos punir máquinas? Tudo está justificado. Estupros, vícios, homicídios, genocídios estão justificados numa existência única e mecânica. Passaria a valer o aproveitamento máximo da vida. O vale tudo pelo prazer extremo. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. A busca pelo poder ilimitado e Hitler estão justificados. Pedofilia está justificada num universo sem finalidade. A vida tem propósito e a criação foi em termos de evolução e de mérito, não pronto e acabado como quer a gênese bíblica.

A ciência defende a vida e o universo como produtos do acaso, do nada, da sorte, da coincidência. Não de um ato de vontade como querem as religiões. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada. A ciência oficial passa pelos laboratórios que trabalham com espaço, tempo e a matéria. Mas como pode o todo vir do nada, sem uma causa, sem a causa primeira?

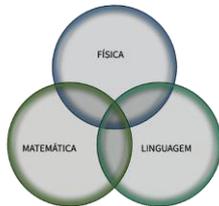
O que é o real? Se é sentir, ouvir, cheirar, degustar, ver, como quer parte da ciência, então a realidade é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo cérebro. Será? Ou somos feitos do que aprendemos e ensinamos, dos livros que lemos, dos filmes que vemos, das ações e orações, das coisas que gostamos, do nosso estudo e profissão? Para a Metafísica e as religiões temos um princípio vital que manipula as forças físico-químicas.

As sensações se transformam em sinais elétricos e levam as informações ao cérebro. A neurologia não vê imagens, equações brotarem no cérebro. Toda máquina tem alguém por trás. Além do corpo há um princípio vital. O vitalismo, doutrina metafísica, assevera um princípio, alma, espírito, consciência além das forças físico-químicas do corpo. O princípio vital tem muitos nomes em diversas culturas e estudos: prana (Índia), ki (Japão), élan vital (Bergson), magnetismo animal (Mesmer).

Apesar da universalidade, a ciência desconhece o fluído vital. A ciência pode chamar este princípio universal de mito, mas ela também é um mito. Ela era absoluta quando Newton estabeleceu as leis físicas. Seriam leis universais e absolutas. Mas Einstein relativizou tais leis. O mundo científico perdeu a objetividade, um mundo regido por leis absolutas. Surgem filosofias da desconstrução. O físico Thomas Kuhn investiga a história da ciência e observa que ela alterna normalidade e crise, momento que surge um novo sistema teórico, uma mudança de paradigma. O filósofo da ciência Paul Feyerabend, em sua obra *Contra o Método*, limitou a ciência, dizendo que não há um método científico e que ciência e mito se sobrepõem de muitas maneiras.

O objeto de estudo da ciência é o todo, a totalidade da realidade, compreender todo o universo. Mas a ciência nega o mundo metafísico. Apesar de ser, digamos, embaçado este universo metafísico, as religiões o pregaram em todos os tempos e espaços. Assim podemos dizer que ele é universal, pois existe em todos os tempos e lugares. Ele sendo universal, não estaria a ciência negando a realidade?

A ciência, então, não estuda o todo. Por que ela não estuda o todo? Porque o método científico é voltado para o exterior do mundo e não para o interior do sujeito. A própria ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto: aquele que conhece e aquilo que é conhecido. O método empírico científico busca o conhecimento do mundo físico e exterior, mas não do mundo interior.



Existencialismo Metafísico

Neste sentido, a psicologia baseou equivocadamente no método científico ao estudar a psique, a alma, o “eu” ou sujeito do conhecimento. Embora Sócrates dissesse a quase 2.500 anos “conheça-te a ti mesmo”, assim com ênfase pleonástica no “eu”, a humanidade não resolveu a questão existencial. A observação do mundo exterior tem a autoridade da ciência. Todavia o mundo interior não está no sentidos, no sistema nervoso, e nem mesmo no cérebro.

Imagine um carro: ele tem vários sistemas, de freio, de aceleração, de energia, refrigeração, segurança. Mas quem comanda ele, tenha ele uma central de computador ou não, é o homem. É algo externo a ele que é apenas um instrumento. Da mesma forma o corpo, é apenas um instrumento a serviço do “eu”, do espírito ou qualquer nome que o leitor quiser dar.

O método empírico pode localizar um objeto no tempo e no espaço, para medi-lo, quantificá-lo, ou observá-lo em interação com outros elementos. Um exemplo básico, você pode medir o tempo que um objeto, um veículo, leva para percorrer um espaço. Mas não se pode medir, ou quantificar sentimentos ou a consciência. E toda interação dela com o ambiente repercutirá em seu interior e exterior. Mas são duas searas diferentes. Uma no mundo físico e outra no universo metafísico.

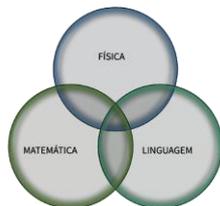
Com base neste raciocínio, o método científico é imprestável para compreender a consciência, localizada num mundo metafísico. O filósofo e jurista, Raimundo Farias de Brito, defendia um método introspectivo para o estudo do “eu”. A psicologia, em vez de seguir uma carreira solo, adotou o método das ciências naturais. Ficou com medo de ser taxada de não-científica e o sucesso do behaviorismo (estímulo e resposta) durou pouco.

A ciência busca descrever a natureza e daí resulta o princípio natural. Ou seja, a ciência busca verdades em processos naturais. Com isto ela quer dizer que o sobrenatural não interfere na natureza. Realmente mito e religiões exageraram em narrativas de intervenções divinas diretas na vida das pessoas. Até hoje as pessoas rezam para seu time de futebol ganhar uma partida ou um campeonato e agradecem a um deus. Mas uma Criação perfeita não precisa de reparos ou emendas.

Neste sentido é até compreensível a ciência negar o sobrenatural. Mas o mundo metafísico também não seria natural? Não será ele mais “real” que o mundo físico?

Da mesma forma infantil, cientistas atribuem determinados fenômenos religiosos à sentimentos e sensações, como o medo, a imaginação, a alucinação, mesmo sem evidências empíricas. Mas atribuir o medo e a superstição como origem de todas as religiões, em todos os tempos e espaços, seria negar o que é universal, seria negar a realidade. O medo não pode afetar a todos, o tempo todo em todos os cantos. Nunca será provado o medo como origem das religiões em todos os tempos e espaços. A transcendência é inata, está em todos os tempos e espaços. A alternância entre os mundos físico e metafísico explica a espiritualidade e não o medo.

A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos, como quer a Ciência. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico de Integração no universo. As perguntas existenciais ainda continuam para filósofos, cientistas, artistas e religiosos. Eles continuam tentando explicar o enigma da existência.



Existencialismo Metafísico

Esta ideia do homem como máquina prejudica o pensamento da humanidade. Prejudica a busca pelo bem e o afastamento do mal. Prejudica a busca do ideal. As massas acabam por buscar a fé cega. O estudo pleno da consciência nos livrará do pensamento mecanicista científico e explicará nossa existência e a nossa alma.